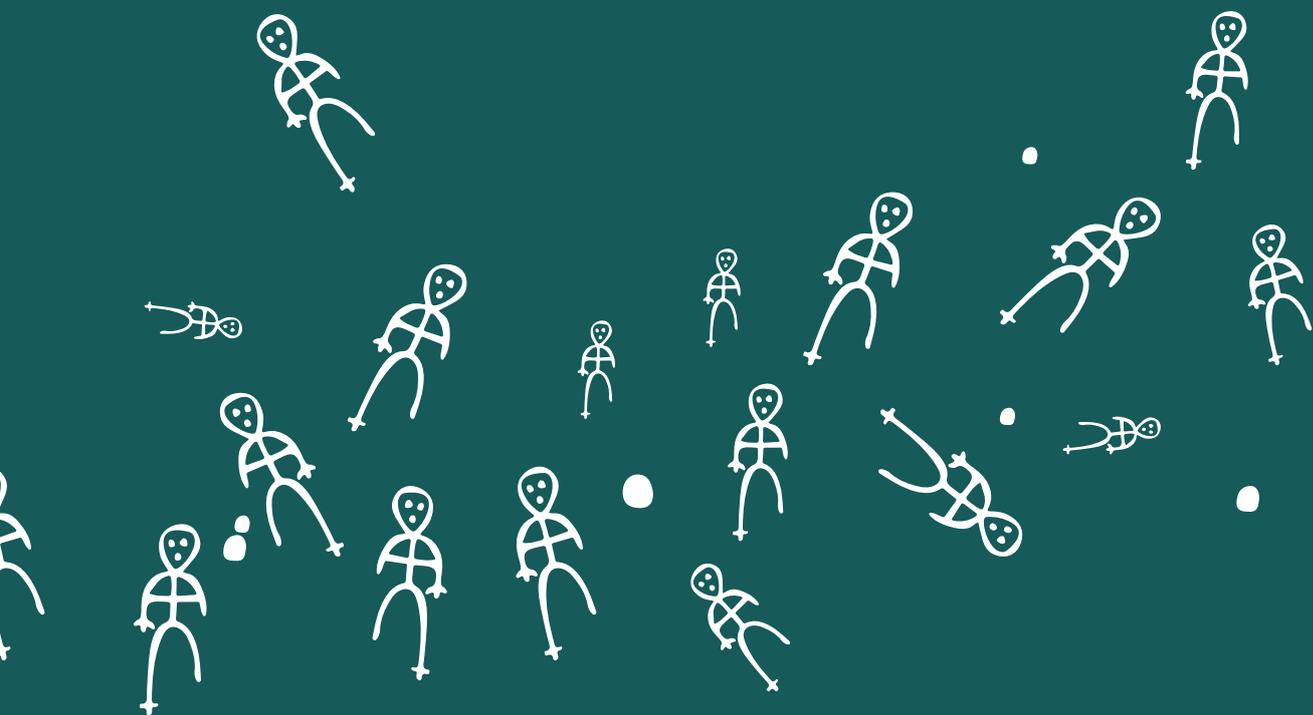




Entrevista



Pode a folha falar?

Em memória à Mãe Marina de Ogum

Céline Veríssimo

¡DALE!, MALOCA / UNILA

Mauricio Santos

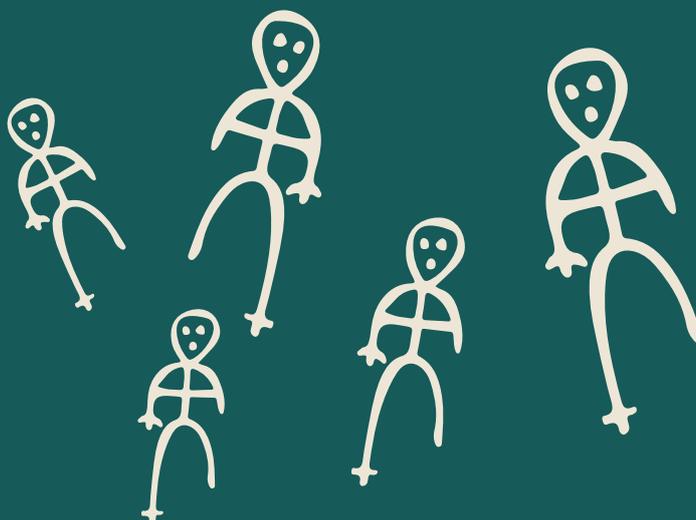
MALOCA / UNILA

Marina Áureo Galdino, é conhecida como Mãe Marina de Ogum (São Paulo, 1947 – Foz do Iguaçu, 2021). Foi a fundadora do Terreiro Ilê Asé Ojú Ogum Fúnmilaiyó, que fica no bairro do Parque Residencial Morumbi, em Foz do Iguaçu, no Paraná. Criadora do Bloco Afro: Afoxé Ogum Fúnmilaiyó. Ativista junto à RMNP – Rede de Mulheres Negras do Paraná. Promotora dos Direitos Humanos junto à RENAFRO – Rede de Religiões Afro-brasileiras e Saúde. Primeira Presidenta do Conselho da Igualdade Racial em Foz do Iguaçu. Precursora na luta por Políticas Públicas para Povos de Terreiro, em Foz do Iguaçu. Orientou TCCs, participou de Bancas, escreveu artigos publicados em revistas científicas, Projetos de Pesquisa e de Extensão na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Foi homenageada pelo Estado do Paraná, em 25 de julho de 2019, pelo Dia da Mulher Afro-Latino-Caribenha, Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra no Brasil. Suas filhas, Críca e Roberta Áureo Galdino, dão continuidade ao Terreiro.

Esta entrevista com Mãe Marina aconteceu no Ilê Asé Ojú Ogum Fúnmilaiyó, no dia 18 de outubro de 2019, no final da Oficina de Produção Audiovisual Participativa (Figuras 1 a 4). Em uma ação colaborativa entre o Projeto de Extensão da Universidade Federal de Goiás (UFG), “Magnífica Mundi”, coordenado pelo professor Nilton José, e o Projeto de Pesquisa “Dinâmicas Paisagísticas, Ritualísticas, de Resistência e Autonomia no Espaço Exterior dos Terreiros na Fronteira”, coordenado por Céline Veríssimo e Maurício Santos, ela vinculada ao grupo de pesquisa Decolonizar a América Latina e seus Espaços (¡DALE!) e ambos ao Grupo de Estudos em Estudos Multidisciplinares em Urbanismos e Arquiteturas do Sul (MALOCA). A oficina foi pensada para possibilitar estratégias e técnicas audiovisuais, recorrendo, por exemplo, a *smartphones*, hoje relativamente acessíveis, para registros cotidianos em ambas as suas dinâmicas doméstica e religiosa, que pudessem contribuir para o reconhecimento e a valorização desses espaços como patrimônio arquitetônico e paisagístico – particularmente no que diz respeito a dinâmicas paisagísticas alimentícias, ritualísticas, de cura, de resistência, de gênero e de autonomia no espaço exterior dos terreiros de candomblé.

A oficina foi mediada por Karine Queiroz, pesquisadora do ¡DALE!, e começou com uma visita guiada, por Mãe Marina, pelo espaço interior e exterior do Ilê Asé Ojú Ogum Fúnmilaiyó, ao que se seguiu a Oficina de Rádio e TV Comunitária Online, e uma outra, de Fotografia e Vídeo – ambas ministradas pela Equipe do Magnífica Mundi, contando com a participação de vários/as membros do terreiro. Após o almoço-confraternização, fizeram-se os testes de emissão de Rádio e TV. Por fim, todos/as presentes, reuniram-se em volta de Mãe Marina, para ouvi-la falar sobre as “folhas”, termo êmico afro-brasileiro, utilizado como sinônimo de plantas. O resultado desta conversa entre Mãe Marina e as folhas é o conteúdo desta entrevista.

Outrossim, guiados pela elocução afrodiaspórica “Kosí Ewe, Kosí Orixá”, que quer dizer “Sem Folha, Sem Orixá”, homenageamos Mãe Marina de Ogum. Igualmente como as folhas, sem Mãe Marina, nada disto e muito mais, teria sido feito, que nos honrou com a sua amável e generosa presença, partilhando tantos saberes e por isso sentimos uma incomensurável gratidão. Agradecemos à Mãe Marina, por ser a mãe-de-todos/as aqueles/as que a procuraram.







Mãe Marina: Bom, falando um pouco sobre as folhas e principalmente sobre as folhas do nosso ritual... O que nós procuramos preservar é a natureza. Porque é através da natureza que nós temos condições de ter o elemento necessário, primordial que não pode faltar em uma obrigação. E cada orixá tem uma folha. Osanha é dona de todas. Só que Osanha foi uma orixá que foi muito tacanha, muito pão-dura. Então ela dava as coisas de maneira muito pingada. E, um dia, ela se enquizilou com Iansã – que é a senhora dos ventos e da tempestades também, né? Iansã ficou muito nervosa, fez dar uma ventania tão grande que esparramou essas folhas pelo mundo inteiro. Então, hoje, se encontra folhas em qualquer parte do mundo, existe folha dedicada a cada orixá.

[apontando para uma folha] Essa aqui é a folha do coqueiro. Não é a folha do Ogum. A folha do Ogum é a folha do dendezeiro, no qual faz parte do ritual, mas também é a roupa do Ogum. A vestimenta do Ogum é o Mariô... [todos/as presentes pedem a benção da Mãe Marina]. Deus abençoe, benção a todos! Ogum sai vestido numa saietta de folha de coqueiro; tanto na cabeça quanto nas costas, como quando faz a distribuição dos pães, tudo tem que estar o Mariô, que é a folha principal do Ogum, é a sua vestimenta, tá?

[apontando para outra folha] Essa aqui é a folha do Acocô. Essa folha, por que ela é uma folhinha feia, mas essa folha, em qualquer casa de candomblé que vocês forem visitar, vocês vão ver o santo sair com uma, na cabeça, e um Ekodidé, que é uma peninha vermelha. Todos, todos os orixás recebem essa folha, todos. É a nossa folha, assim, de fundamento. Ela entra tanto na obrigação como também é curativa, tá? E ela simboliza, se vocês repararem, aqui, o Adoxo. Adoxo é uma coisa que nós carregamos, é um fundamento que nós carregamos na cabeça, que é só para as pessoas iniciadas, tá? Só as pessoas iniciadas tem, tem que carregar Adoxo. Então vem aqui ó (coloca na cabeça) simbolizando o Adoxo. Então ela é igualzinha ao Adoxo que se faz quando a pessoa se inicia na nossa religião. Uma folha também que a gente dedica às pessoas para terem sorte. As pessoas que tem muito problema com inveja, tem muitos problemas de família nós indicamos sempre que a pessoa carregue uma folha do Acocô, pra ter uma vibração positiva, porque é a folha da paz; é a folha que todos os orixás carrega.

[apontando para outra folha] Aqui é a Pariparoba, que todos conhecem como uma folha curativa, para o fígado e o estômago. Para nós, ela é de suma importância, para quem é de Oxóssi, porque é uma folha dedicada a esse orixá. Então ela é curativa sim, ela é medicinal sim, mas entra também dentro dos banhos que a gente faz, nos Amacis, ela entra como purificação também no nosso oxé.

[apontando para mais uma folha] Aqui, acho que vocês todos conhecem, é o sabugueiro. Podemos dar para uma criança com sarampo, catapora; as flores, servem quando têm tosse, infecção na garganta; ela é dedicada a Oxalá, mas Ibeji, as crianças, são as que mais protegem essa folha. Por quê? Oxaguiã foi o que identificou a flor. Foi a que teve mais próxima quando ele estava no alto, que ele não entrou na guerra dos orixá, Oxalá se identificou. Então isso foi dedicado a ele, mas tudo que se relaciona à criança, às mulheres parturientes, que têm filho, se faz banho, se faz um banho com sabão e a folha do sabugueiro para as mulheres que têm filho e ficam com algum problema no útero, muita cólica, ou então fica menstruando em abundância: é só pegar o sabão de coco, essa folha, macerar e passar no abdômen... Deixa uma faixa e aquilo automaticamente vai trazer a cura ou a melhora da saúde.

[apontando para mais uma folha] Aqui tem uma folha até bonitinha, do Acocô. Alfavaca. A Alfavaca por ter esse cheiro gostoso, ela pertence a quase todas labá. As labás são os orixás femininos. Todas as ervas que tiverem odor: manjeriço, alfazema, alfavaca, e cravo, canela, todas essas...todas essas folhas, todas elas pertencem às labás. E quando se fala labás, automatica-



Pode a folha falar?

mente também oferece-se a Oxalá, tá? Que é o orixá que gosta das coisas perfumadas. Salvo as folhas de lansã, que lansã já é um orixá muito quente. Então as folhas de lansã a gente já deixa separado. Existem folhas de lansã que pertencem a outros orixás, como Xangô, como Osanha né? Como Obaluayê... Então lansã tem uma vasta coleção de folhas, mas as mais usadas em rituais são poucas. Nós usamos, acho, umas cinco ou seis qualidades, porque na nossa religião tem que ter um homem que seja confirmado como Babalosanha. Porque Babalosanha, ele vai ser o único que vai ter o dom de ir no mato, conhecer as folhas e pegar elas, tocar nelas. E isso tem que ser feito antes do sol nascer. Então o Babalosanha vai lá e pega. O que ele vai ter que aprender? Conhecer pelo olfato. Eu aprendi a conhecer folhas pelo olfato. Então, existem folhas que eu não conheço, mas eu ponho o meu nariz e eu sei a que santo ela pertence. Posso não saber um ou dois, mas um santo eu vou identificar, né?

Por exemplo, nós temos uma erva que se chama negamina. A neguinha, como a gente fala, ela é uma erva que se você encontra no mato, você acha que é um pé de goiaba. O que diferencia a negamina da goiaba? O cheiro. Mas se você olhar a folha, e se você olhar o tronco, até as manchas são idênticas. Você só conhece pelo cheiro, né? E tem as nossas frutas, né? A manga pertence a Ogum, [apontando para uma fruta] essa não que essa aqui não é espada... A manga-espada pertence a Ogum, essa é coquinho, então pertence a Oxóssi, né? Então, cada fruta também tem sua característica com orixá, e a folha também. Por exemplo, a folha da laranja que a gente dedica a Obá, né? A Euá, a família Carijebé, que vem a linhagem de Nanã, Obaluayê, Omolú, certo?

Olha, até aqui o que eu tenho, eu sei que é pouco, mas no momento é o que eu posso explicar para vocês, tá? Como posso explicar para vocês... A coisa que nós usamos, certo? Acocô, graças a Deus, nós temos plantado na roça. E as outras folhas que nós não temos, tenho uma filha-de-santo que mora na Vila C [bairro de Foz do Iguaçu]. Então, quando nós precisamos de folhas, é de lá que a gente pega alguma coisa. Mas as principais nós temos aqui, outras folhas que nós necessitamos estão na casa do Ogan, de Ogan Elias.

Ogan Elias: Tem o pé de carobinha também.

Mãe Marina: Ah é! Tem a carobinha, esqueci. Não existe folha melhor que a carobinha, pra quem tem úlcera na perna, problemas de... Câncer de pele. É, feridas expostas, aquelas feridas que nunca fecham. Banho de carobinha com babosa, passa babosa depois, cura qualquer ferida. Até o câncer de pele. É um santo remédio. Agora ela tá, peladinha, tadinha, porque deu o inverno, né? Então agora ela vai florir.

Alguém fala: [apontando] Tem algumas ali ó.

Mãe Marina: Mas é pouca!

Ogan Elias: Se você foi caçar uma negamina, se você encontrar ela no mato, pego a folha dela. Se você fala o nome dela, você pode olhar... Que ela some. Ela é encantada. Ela desaparece, você não encontra mais.

Mãe Marina: Nós chamamos de neguinha.

Ogan Elias: Você falou o nome dela! Tchau! Você pode chegar na frente dela, ela some.

Mãe Marina: Nós nunca falamos “achei um pé de negamina!” “Olha a neguinha!”.

Ogan Elias: Ela desaparece, na realidade. Você pode estar ali, com a mão ali, se você falou, parece que o negócio tirou ela dali e leva embora.



Mãe Marina: Ela tem, a negamina, o poder da transformação. Se você falar “Ah, essa negamina!” e ela estiver próxima a um pé de goiaba, você vai ver até a fruta no pé. Ela é encantada! Por isso é muito rara. A gente encontra e onde encontra a gente seiva. A gente deixa aquele local ali intocável para que ninguém possa destruir, né? Mas ultimamente isso está sendo muito difícil porque, hoje, as pessoas automaticamente têm um terreno, já procura deixar tudo limpo. Ninguém mais quer ter o trabalho de limpar folhas e varrer pátio, então fica limitado. Então tem que se morar no mato, no mato mesmo. Que é o que eu gostaria que... Isso aqui me foi dado pelo... Por um cliente, que deu para o meu caboclo e, lógico, ele não tem RG, nem CPF e nem nada, então está no meu nome. Mas, eu gostaria muito que ele desse permissão pra ir a uma chácara. Que eu pudesse ter minhas plantas, minhas folhas, né? Pudesse realmente plantar. Mas ele não quer abrir mão ainda, então estamos aqui. Só que aqui já está sufocado. Ah, antes eram poucas pessoas, não tinha quase ninguém no bairro [Parque Residencial Morumbi, em Foz do Iguaçu]. Agora, o bairro está muito, muito populoso. É muita gente, agora. Apesar de que não incomodam. Mas sofremos muito aqui. Muito mesmo, atiraram tijolo; não era pedra, era tijolo, que se atingisse alguém dentro do barracão matava. Pra gente mudar! Fizeram abaixo-assinado quando eu vim morar aqui, para me tirar daqui. Todos os meus vizinhos, aqui, são evangélicos, aquela parte de lá todos. Só que hoje são meus melhores vizinhos. Só essa daqui do murinho ali cor-de-rosa. Essa é a única que é contra tudo, não pode nem estacionar carro ali na frente da casa dela. Mas ela é assim desde que eu moro aqui... Mas os outros todos, hoje, todos conversam, ninguém fica chamando a polícia para mandar parar, sabe? Hoje, graças a Deus, está suave.

E as nossas festas, eu não tenho mais condições de fazer no terreiro, né? No barracão... Então, aqui, ali, vira um palco, né? Todo mundo fica assim, e nós ficamos aqui [fora], porque não cabe mais, porque agora em novembro tem uma festa que vêm cerca de 300 pessoas. Porque vem ônibus de Londrina, vem um pessoal de São Paulo, vem de Curitiba, agora tem filho-de-santo em Brasília, então é muita gente. É muita gente! Só na roça fica cerca de 100 pessoas hospedadas aqui. Agora você pergunta: como? É gente dormindo na garagem, dormindo debaixo de mesa...você não imagina o tendel que fica!

Alguém completa: No chão.

Mãe Marina: Não tem! Eu não tenho espaço! Eu não tenho espaço! Então a casa, ali, como ela é grandinha, ficam as mulheres e as crianças e os homens... O barracão também para as mulheres e os homens, aí fica dividido. Mas cabe todo mundo, mas é cerca de 100 pessoas, fora o povo de casa.

Alguém completa: Pergunta se o pessoal quer ir para um hotel.

Mãe Marina: Ninguém quer sair daqui.

Alguém completa: Não, a gente dá um jeito. Dormimos uns dez ou quinze, tudo junto. Fica tudo aí.

Alguém: Dormem, uns dez, quinze, tudo amontoado, e não quer ir embora.

Mãe Marina: Alguém já viu morcego? Fora o meu cachorro, aqui parece um morcegarão. Todo mundo amontoado. Todo mundo amontoado. Mas fica tudo aqui! Agora a Angela.

Mãe Angela: Aqui comigo tem mais umas folhas né!? Aqui todo mundo conhece como boldo-do-chile, né!? E é uma folha que a gente usa pra Oxalá, Tapete de Oxalá. Se usa como banho, se quina elas, geralmente essas folhas são quinadas, maceradas. Tem-se o ritual de acender a vela, fazer a Sasanha, que é uma reza que se faz. E se canta, se macera. Cada folha representa um Orixá, né? Esse é o que a gente conhece como Tapete de Oxalá.



Pode a folha falar?

Ogan Elias: Bom para o estômago.

Mãe Angela: Bom para o estômago também, desde que você não ferva, né? É horrível, amarga mas é bom para o estômago. [apontando para a folha] Assim como essa aqui, ó... O guaco também é bom pra quem está resfriado, para limpar o pulmão, para tosse, juntando com a alfavaca também é muito bom.

[apontando para a folha] Aqui é Peregum do Ogum. Ele é todo verde. Existe o Oxóssi também que tem um amarelo aqui no meio. Mais pra banho, se faz chá gente, por Deus que eu ainda não conheço. Para banho. [apontando] Aqui é Colônia de Iemanjá também para banho, se quinar, se junta todas essas folhas para quinar. [apontando] Essa aqui vocês conhecem bastante, né? A pitanga. Acho que todo mundo, a maior parte tem né!? A nossa sempre dá bastante também. Como é da Iansã é folha quente. As folhas quente são de orixá quente, né? E as folhas que a gente diz que são frias, que, aqui, no caso, seria a do Oxalá e a de Iemanjá, né? E tem também o Abre Caminho da Oxum.

Eu não sei se vocês conseguem ver, cada uma tem seu formato, o seu jeito né? E essas todas, elas são maceradas, a gente coloca tanto as quentes como as de santo frio, né? Para dar uma certa equilibrada, né? Para as pessoas, às vezes, as pessoas estão com a cabeça muito quente, aí só damos de Iemanjá e de Oxalá, né? Para dar uma esfriada, assim, na mente. Mas geralmente quando se inicia, ou dependendo da situação em que a pessoa precisa, a gente macera todas as folhas para fazer um banho. Umas se faz chá, também, ou para beber ou para banhar alguma parte de machucado que a pessoa tenha, tá?

Como a Mãe Marina falou, não estamos com todas as folhas... São imensas, né? Mas temos pelo menos um básico e é lógico que a gente tem que ir muitas vezes para algum mato para pegar, para buscar. Como quando tem as festas, também existe uma parte que a gente pega. Tiramos tudinho, assim, dos galhinhos e colocamos no chão para se dançar em cima, entendeu? Um ritual nosso, na parte das festas, né? Que é mais a Aroeira que se usa ou São Gonçalinho. A Aroeira nós temos, São Gonçalino não. Então depende...

Mãe Marina: [apontando] Mamona tem plantado ali.

Mãe Angela: Tem a Mamona também, que a gente usa pro Olubajé, que são aquelas comidas maravilhosas que a gente põe na folha. A folha é lavada, tá? Para colocar a folha maior que tive para caber todinhas as comidas ali. Usamos também pra fazer alguns ebós, que se passam na pessoa.

Mãe Marina: Unguento, quando se tem alguma coisa, uma inflamação...É pegar uma folha de mamona, pela um óleo, ou azeite, passar assim em cima, morninha, e pôr. Se for alguma infecção, algum furúnculo, alguma coisa, rapidinho vai.

Mãe Angela: A folha da banana gente, a gente usa pra fazer Acaçá, ou colocar em baixo, para assar peixe. Tudo que a gente faz, em matéria de comida, é... é tudo bem gostosa, bem temperadinha, tudo certinha. Não é que nem qualquer coisa que você serve. Você serve ao orixá e as pessoas, a comunidade, aos filhos e a todo mundo, entendeu? A folha da banana se usa muito. Muito, muito mesmo, né?

Mãe Marina: Para quem acredita, existe também a possibilidade de vocês fazerem banhos. Banhos de energia. Usa a erva-doce, usa o cravo, canela. Quer namorado? Folha-de-louro se acrescenta. Só que não vale para homem, nem gays. A folha-de-louro, ela só serve para mulher. Não, tem que falar porque depois vai falar "tomei o banho e me dei mal", né? Ela não serve para esse tipo de coisa. Mas esses banhos com a Colônia, esses banhos são muito bons quando às



vezes nós não temos dinheiro, mas temos o dom de atrair a inveja. Por quê? As pessoas têm inveja daquilo que nós conseguimos. Daquilo que nós aparentamos ser, ou às vezes ostentamos ser. Então, por que que a gente não vai ter os sintomas dela? Que é peso nas costas, preguiça, sono de mais ou de menos, dormir muito mal, sentir dores nas vezes que a pessoa olha para gente e fala “nossa você tá vendendo saúde”! Só Deus para saber que minha cabeça está pesada, que minhas costas estão doendo, que eu não estou me sentindo bem, que minha carne está trêmula, que eu não estou normal... Mas aí é uma coisa, um sintoma meu. Então por que não procurar através da folha, um banho energizante? É muito fácil de fazer! Macera ou aqueles que forem grãos, alfazema, cozinhe... Nada melhor que tomar banho comum depois disso, vai pôr o banho energizante? Um pouquinho de açúcar, para quebrar o cloro, ou um pouquinho de mel. É pouquinho, é pitada mesmo. Fazer rezando. Reza o quê? O pai-nosso, que é a primeira oração. Oferece a Deus e seu anjo-da-guarda. Pronto! Olhe-se no espelho antes e olhe-se depois. A mudança é radical, tá?

Alguém: Arruda, né, Mãe?

Mãe Marina: Arruda é uma planta muito feminina. Eu não aconselho os homens tomarem banho com arruda. Ela é extremamente feminina e, como ela é extremamente feminina, ela tem os dois lados que...para mulher usar tem que usar mais como a parte curativa. Por exemplo, para limpar o útero, como quem tem aborto, as mulheres que recém pariram. Mas é uma erva que se usa com muita cautela. Tem pessoas, tem uns loucos que usam, sabe? Mais aí são os loucos. Eu uso com muita cautela, porque eu respeito muito essa folha. Ela é muito feminina.

Alguém pergunta: Pai Elias, o senhor pode falar sobre Osanha?

Oga Elias: Osanha? Quê fala sobre Osanha? O quê que eu vou falar desse homi, o pai das foia?

Mãe Marina: Dona Valtina né!?

Ogan Elias: É! Bom eu vou falar sobre Osanha. Osanha é um orixá que cuida das folhas, então ele vive no meio da floresta.

Mãe Marina: Seduziu seu pai...

Ogan Elias: Oxóssi, né! Benção, Mãe! Oxóssi saiu para caçar um dia que... Não era para ele caçar, e entrou na mata...

[Gravação termina]

O não final da gravação é, aqui, como o segredo das folhas e a não morte da Mãe Marina, que agora é uma ancestral do terreiro e passa a conviver de outra forma neste espaço. Aqui, fica registada uma das sementes que ela plantou, para que possa germinar, florescer e transformar-se num jardim dos orixás.



Pode a folha falar?



Figura 1: Magnífica Mundi. Mãe Marina (Fonte: Céline Veríssimo, 2019).



Figura 2: Filhas-de-Santo na Oficina aprendendo a fotografar e a filmar (Fonte: Céline Veríssimo, 2019).

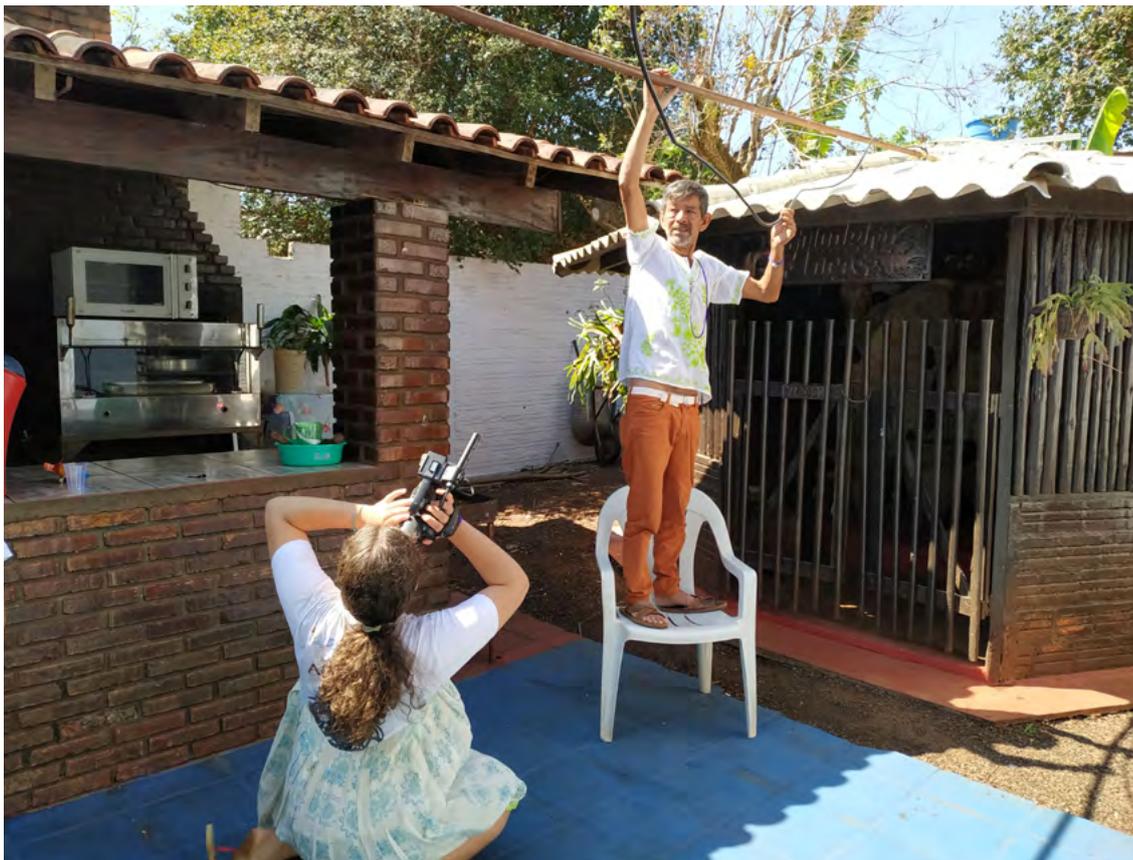


Figura 3: Filha-de-Santo filma e Ogan Elias procura sinal de rádio (Fonte: Céline Veríssimo, 2019).



Figura 4: Magnífica Mundi. Filho-de-santo regulando som (Fonte: Céline Veríssimo, 2019).



Pode a folha falar?



Figura 5: Tradução intercultural com outras resistências e a universidade (Fonte: Acervo Afoxé Funmilayo 2014 e Karine Queiroz 2019).

